

## A insurreição do Cazaquistão - Anônimo

Link: <https://illwill.com/the-kazakh-insurrection>

Na presença de trabalhadores armados, todos os obstáculos, resistências e impossibilidades desaparecerão.

-Blanqui

A teoria do Estado é o recife no qual as revoluções de nosso século naufragaram<sup>1</sup>. Durante as revoluções da Primavera Árabe, o povo provocou a queda do regime, mas as instituições do Estado permaneceram intactas. Em outros lugares, as revoluções foram levadas a guerras civis prolongadas. Em todos os lugares em que o antigo regime parecia ter sido derrubado, ele encontrou novas fontes de força e se reergueu. Como seria finalmente romper com esse ciclo?

No passado, as insurreições conseguiram derrotar o Estado, e não apenas um governo específico. A insurreição é algo mais do que uma onda de tumultos, protestos militantes, bloqueios, ocupações e assim por diante. É a abertura de uma ruptura, a busca por aquele ponto após o qual não é possível voltar atrás. Se as revoluções de nosso tempo não derrotaram o Estado, argumentamos que isso se deve ao fato de não ter havido insurreições: houve revoltas não violentas, tumultos, lutas armadas e guerras civis, mas ainda não houve insurreição.

Nos próximos anos, é provável que vejamos experimentos na *arte da insurreição*, à medida que uma nova geração de revolucionários tenta superar os obstáculos e impasses enfrentados pelas revoltas de 2011 e 2019. O Cazaquistão, um país com o qual muitos americanos só estão familiarizados devido à franquia de filmes *Borat*, pode oferecer um vislumbre antecipado desse futuro. Os eventos recentes no Cazaquistão são o mais próximo que uma revolta chegou de uma insurreição em grande escala desde o início de

---

<sup>1</sup> Estamos usando o termo "teoria" aqui em um sentido mais amplo do que o utilizado com frequência. À medida que surgem as lutas de massa, ocorrem debates entre seus participantes e a sociedade em geral sobre o que eles estão fazendo e o que isso significa. À medida que essas lutas se chocam repetidamente com seus limites, esses limites são formalizados. Eles recebem um nome e são apresentados como perguntas a serem respondidas. O debate então gira em torno de como esses limites serão superados. Teoria é o termo que usamos para descrever todo esse processo de discurso público e privado em massa. Os textos publicados em periódicos de teoria, como este, constituem um momento desse processo de desdobramento.

uma onda global de lutas no final de 2018. Isso nos permite imaginar como poderiam ter sido os movimentos recentes, como o levante de George Floyd, se tivessem ido mais longe. O curso dos eventos no Cazaquistão sugere uma possível rota para navegar pelas armadilhas que até agora naufragaram nas revoluções contemporâneas. Ao fornecer o vislumbre mais claro da forma da insurreição vindoura, o levante nos permite questionar os limites que um processo insurrecional atual pode enfrentar.

### **A vacina antimotim**

No dia de Ano Novo de 2022, o governo do Cazaquistão pôs fim aos limites de preço do combustível, fazendo com que o custo quase dobrasse da noite para o dia. Os protestos eclodiram no dia seguinte no oeste do Cazaquistão, a região produtora de combustível. Significativamente, as primeiras manifestações ocorreram em Zhanaozen, uma cidade cujo nome se tornou sinônimo de repressão violenta de uma greve de trabalhadores do petróleo em 2011, que resultou em uma onda de tumultos que se espalhou por toda a região.

Este ano, à medida que a revolta se expandiu pelo país, ela assumiu um caráter mais geral, captando novas demandas ao longo do caminho. Quando as manifestações chegaram a Almaty, a antiga capital e maior cidade, elas começaram a refletir um descontentamento social mais geral, explorando a frustração generalizada em relação à desigualdade, à pobreza e à corrupção. Os manifestantes agora estavam pedindo a remoção do ex-presidente Nursultan Nazarbayev de seu cargo de chefe do Conselho de Segurança. Nazarbayev havia sido presidente por quase trinta anos e acreditava-se que ainda estava governando o país nos bastidores.

Até o momento, esses eventos seguem um padrão familiar. As revoltas que abalaram a França e o Sudão no final de 2018 começaram em regiões provinciais como protestos contra o aumento do custo de vida<sup>2</sup>. O mesmo se aplica à revolução na Tunísia que começou no final de 2010, dando início à Primavera Árabe. Os protestos franceses foram inicialmente em resposta a um imposto sobre a gasolina. No Sudão, eles foram catalisados pelo fim dos subsídios governamentais a produtos básicos, como combustível e trigo. Da mesma forma, os protestos no Sudão começaram em uma cidade industrial famosa por sua história de organização da classe trabalhadora e sua

---

<sup>2</sup> Sobre os Gilets Jaunes na França, consulte Paul Torino e Adrian Wohlleben, "Memes with Force", *Mute*, fevereiro de 2019. [Online aqui](#). Sobre a revolução no Sudão, consulte Anônimo, "Theses on the Sudan Commune", *Ill Will*, abril de 2021. [Online aqui](#).

repressão. Em cada país, os protestos adquiriram mais demandas à medida que se espalharam. À medida que a força do movimento cresce, sua imaginação do que é possível tende a crescer também. A capital sempre se tornou o centro de gravidade do movimento, que agora tinha pouco a ver com a demanda original.



Em Almaty, as coisas começaram a se acelerar rapidamente. Os protestos começaram em 4 de janeiro. Em 5 de janeiro, eles se transformaram em uma revolta armada, com o objetivo não apenas de reformar a política, mas de derrubar o governo. A sede da polícia, [as delegacias](#) de polícia e as estações de televisão foram invadidas. A prefeitura e outros prédios do governo foram incendiados. A antiga residência presidencial e a filial regional do partido governista Nur Otan também foram incendiadas. Em seguida, multidões invadiram o [aeroporto](#), fechando-o. A polícia e as forças de segurança se renderam à multidão e foram desarmadas. [Carros de patrulha](#) foram [incendiados](#). Os [saques](#) se espalharam pela cidade. Começaram a circular vídeos de insurgentes [distribuindo rifles](#) saqueados de [lojas de armas](#) entre a multidão. Ao que tudo indica, o poder estava nas mãos dos insurgentes naquela noite.

Alguns observadores casuais ficaram surpresos com a rápida destruição de Almaty. Mas, como Vaneigem nos lembra, "a barbárie dos tumultos, dos incêndios criminosos, a selvageria do povo, todos os excessos... são exatamente a vacina contra a atrocidade fria das forças da lei, da ordem e da opressão hierárquica."<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Consulte Raoul Vaneigem, *Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations*.

Em um primeiro momento, o presidente Kassym-Jomart Tokayev tentou aplacar os manifestantes, cedendo a algumas de suas exigências. Os subsídios ao combustível foram restabelecidos. O gabinete foi dissolvido. O ex-presidente Nazarbayev foi removido de seu cargo de presidente do conselho de segurança do país. Outros membros de seu círculo íntimo também foram afastados do cargo. Alguns foram presos. Tokayev rapidamente tentou se reenquadrar como o Bernie Sanders do Cazaquistão, fazendo um discurso populista no qual denunciou a desigualdade de renda do país e sua elite governante.

Mas era tarde demais para frear o ímpeto. Nenhuma reforma que o presidente pudesse oferecer teria detido a onda crescente de raiva naquele momento. Em 6 de janeiro, os distúrbios provocaram uma intervenção militar na qual a Rússia liderou seis outros países membros da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO), o equivalente russo da OTAN. No dia seguinte, Tokayev ordenou que as forças de segurança "disparassem sem aviso" enquanto retomavam Almaty. Essa foi a primeira vez que a CSTO foi mobilizada. Em nossa era de revoltas, esses pactos de segurança mútua tornam-se pouco mais do que o órgão de coordenação da contrarrevolução armada<sup>4</sup>.



---

<sup>4</sup> No entanto, o atual confronto em torno da adesão da Ucrânia à OTAN parece indicar que o objetivo geopolítico original desses pactos ainda não foi totalmente esgotado.

O presidente Tokayev proclamou que essas não eram manifestações espontâneas, mas sim a atividade de um "bando de terroristas".<sup>5</sup> "Essas afirmações foram repetidas pelo *New York Times*, incrédulo sobre como um movimento de protesto poderia ter se espalhado tão rapidamente por uma massa de terra tão grande<sup>6</sup>. Se a agitação não fosse o resultado de uma insurgência islâmica altamente organizada, então teria de ser simplesmente um golpe orquestrado - em outras palavras, uma luta pelo poder entre facções concorrentes da elite governante. Essas perspectivas revelam uma incapacidade comum de compreender como as lutas se espalham hoje em dia, um processo que depende mais da repetição e da ressonância do que de uma coordenação explícita<sup>7</sup>.

Com a maior parte do serviço de internet e telefonia inoperante e o aeroporto fechado, o Cazaquistão ficou subitamente isolado do resto do mundo. Ficou difícil ter uma noção do que estava acontecendo no local em tempo real. Mesmo agora, os eventos daqueles dias permanecem bastante obscuros para nós. Mas, em 8 de janeiro, o governo declarou que a ordem havia sido restaurada na antiga capital e que, em todo o país, as coisas estavam se acalmando. Mais de 225 manifestantes e dezenove policiais foram mortos durante os distúrbios, de acordo com relatórios oficiais. Cerca de oito mil foram detidos. Há uma certa ironia histórica no fato de esses eventos ocorrerem quase um ano após o motim no Capitólio dos Estados Unidos. Parece que a fórmula de Hegel talvez precise ser invertida: hoje todos os grandes eventos acontecem duas vezes - primeiro como farsa, depois como tragédia.

### **Estado dual e revolução**

As revoltas ocorridas desde a crise financeira de 2008 derrubaram governos, mas não conseguiram abalar as bases do Estado. As revoluções na Tunísia, no Egito, no Sudão e em outros lugares deram lugar a um golpe militar. No entanto, isso foi possível porque nessas sociedades os militares já funcionam como uma espécie de *estado duplo*<sup>8</sup>. De agora em diante, *as pessoas querem que a queda do regime* signifique não apenas a

---

<sup>5</sup> Veja *The New York Times*, "Revolt in Kazakhstan" (Revolta no Cazaquistão).

<sup>6</sup> Por exemplo, veja *The New York Times*, "Russian-Led Alliance Begins Withdrawing Troops From Kazakhstan". [Online aqui](#).

<sup>7</sup> Devido à velocidade com que as coisas se intensificaram e depois foram reprimidas, é difícil dizer com segurança sobre a composição do movimento. As multidões em Almaty foram descritas por um observador nos seguintes termos: "[os] manifestantes iniciais eram pessoas que tradicionalmente protestam ...[mas a eles se juntaram os jovens da periferia... os pobres que estão insatisfeitos com a impressionante diferença social que existe no Cazaquistão". Ver *Financial Times*, "Kazakhstan unrest: 'bandidos', 'terroristas' estrangeiros ou luta confusa pelo poder?" [Online aqui](#).

<sup>8</sup> Veja *Financial Times*, "Is QAnon a game gone wrong?" (O QAnon é um jogo que deu errado?) [Online aqui](#).

derrubada de uma camarilha governante, mas também a derrota do estado dual. É isso que o slogan "vitória ou Egito" significa no Sudão.



Um aspecto dessa questão é tático. As revoltas que resultaram na sequência *revolução política - golpe - contrarrevolução*, como as listadas acima, poderiam ser caracterizadas como *insurreições não violentas*. Embora esse termo seja insatisfatório, a estratégia implícita da insurreição não violenta é pressionar os militares a ficarem do lado do povo contra o regime. Essa situação, portanto, coloca as forças armadas em uma posição de intermediar o resultado da revolução. Isso é mais bem exemplificado pelo complexo caso do acampamento de 2019 do lado de fora do quartel-general militar em Cartum, a capital do Sudão. Mas as táticas das revoltas não violentas tendem a perder sua potência quando os militares assumem o poder e se comprometem a permanecer no local. O resultado ficou dolorosamente claro com as consequências dos golpes no Sudão e em Mianmar.

Ao forçar a polícia e os militares a se retirarem, ao confiscar suas armas, ao invadir delegacias de polícia e saquear lojas de armas, ao distribuir armas para a multidão, ao invadir o aeroporto e incendiar prédios do governo, o Cazaquistão levanta a questão da *insurreição armada*. Historicamente, isso significa que, em vez de forçá-lo a negociar ou fazer concessões, o que se busca é a derrota do Estado como tal. Essa rota poderia oferecer uma saída para as armadilhas específicas encontradas pelas revoluções do século XXI até o momento? Os protestos não violentos podem derrubar um regime, mas

não o Estado. A insurreição armada pode ser capaz de derrubar o Estado e não apenas o governo.

Mas isso, é claro, tem seus próprios riscos. Não apenas uma insurreição armada que fracassa convida às piores formas de repressão, mas, mesmo quando bem-sucedida, sempre corre o risco de uma guerra civil.



Também é provável que existam razões históricas contingentes para que a insurreição armada pareça ser uma opção preferível em alguns países, mas não em outros. O Sudão, por exemplo, foi dilacerado por uma guerra civil durante décadas. Portanto, a luta armada é, compreensivelmente, vista como algo a ser evitado. Em outros lugares do Oriente Médio e do Norte da África, como na Síria, a virada para a luta armada transformou a revolução em uma guerra civil apocalíptica. Pegar em armas lá pode ter uma conotação diferente da do Cazaquistão. Há também um precedente para manifestações armadas na região, como durante os protestos Euromaidan na Ucrânia.

A experiência no Cazaquistão não oferece um modelo simples do que deve ser feito. A revolta é apenas uma das várias tentativas contemporâneas de superar os impasses do nosso momento. Ainda não está claro como os resultados dessa experiência contrastarão com os protestos não violentos em massa e sustentados no Sudão ou com a virada para a

insurgência de guerrilha em Mianmar. Mas qualquer experimento que atinja um determinado limite de intensidade provavelmente oferecerá lições importantes a serem sintetizadas na próxima onda de luta.

### **Ritmo e iniciativa**

A insurreição é uma arte, assim como a guerra. Ela está sujeita a certas regras que, se negligenciadas, levarão à ruína a parte que as negligenciar. Essas regras, deduções lógicas baseadas na natureza das partes e nas circunstâncias que elas enfrentam, são simples o suficiente para que a breve experiência de janeiro de 2022 seja suficiente para nos familiarizarmos com elas.

1. Nunca brinque com insurreição a menos que esteja totalmente preparado para enfrentar as consequências. Ao começar, saiba com firmeza que você deve ir até o fim.
2. Concentre uma grande superioridade de forças no ponto decisivo e no momento decisivo, caso contrário, o inimigo, que tem a vantagem de uma melhor preparação e organização, destruirá os insurgentes.
3. Uma vez iniciada a insurreição, os insurgentes devem agir com a maior determinação e, por todos os meios, sem falta, tomar a ofensiva. A defensiva é a morte de toda revolta armada.
4. Pegue o inimigo de surpresa e aproveite o momento em que suas forças estiverem dispersas.
5. Esforce-se para obter êxitos diários, por menores que sejam (pode-se dizer de hora em hora, se for o caso de uma cidade) e, a todo custo, mantenha o moral elevado.

O partido da insurreição deve tomar e manter a iniciativa, impondo *seu* ritmo aos acontecimentos. Nas palavras de Danton, *de l'audace, de l'audace, encore de l'audace*.

### **Uma presença armada**

A insurreição tem a ver com uma certa relação com o uso de armas. Não se trata de uma questão de violência e não violência, nem tem muita semelhança com a luta armada. Trata-se, antes, de manter uma presença armada. O poder não é deposto pelo uso de armas, mas ter armas pode ajudar a manter o espaço aberto pela fuga da polícia e dos políticos. Trata-se de adquirir armas e depois fazer o que for necessário para impedir seu



uso. A experiência de Almaty é exemplar nesse sentido: as armas foram saqueadas e distribuídas entre a multidão, aparentemente com a ideia de defender o espaço aberto pela revolta popular. No entanto, o uso de armas permaneceu secundário e nunca deu lugar a grupos armados especializados e separados, cujo surgimento muitas vezes prejudica o sentimento popular e coletivo da revolta.

É possível uma derrota política da polícia e das forças armadas. Em uma crise suficientemente profunda, os militares sempre serão enviados para restaurar a ordem. Entretanto, a história mostra que nunca é realmente possível saber como eles agirão até que cheguem. Uma multidão suficientemente grande e determinada pode forçar o exército a se retirar e se recusar a atirar, ou até mesmo a desertar e se juntar aos insurgentes, especialmente se for possível confraternizar com os soldados. Foi isso que aconteceu, por exemplo, no quartel-general militar em Cartum em abril de 2019<sup>9</sup>. Isso também explica a importância histórica da barricada, que cria o tempo e o espaço necessários para a confraternização<sup>10</sup>. A derrota política das forças armadas pode exigir algumas escaramuças, mas não deve se tornar uma luta até a morte. Por outro lado, a derrota militar das forças armadas pode não ser possível. Como atestam os recentes acontecimentos na Síria, na Líbia e no Iêmen, a militarização da guerra civil rapidamente a destitui de qualquer conteúdo libertário.

Em Almaty, os insurgentes conseguiram derrotar e desarmar rapidamente a polícia e outras forças de segurança após apenas algumas escaramuças breves. Mas o Estado conseguiu se reagrupar e a situação mudou rapidamente com a chegada de forças armadas que estavam dispostas a atirar na multidão. No entanto, o pedido de intervenção estrangeira destaca a incerteza de Tokayev sobre suas próprias forças de segurança. O ponto importante é que ninguém pode saber com antecedência como uma situação como essa vai se desenrolar, nem há nenhuma regra fixa que determine quais circunstâncias permitirão a derrota política de um militar estrangeiro. A insurreição sempre significa dar um salto para o desconhecido.

### **A geografia da insurreição**

A tarefa geral de toda insurreição é tornar-se irreversível. Mas como isso ocorre? Uma vez colocada em movimento, o que uma insurreição precisa realizar? Se as gerações anteriores de revolucionários puderam responder a essas perguntas antecipadamente

---

<sup>9</sup> Consulte Anônimo, "Theses on the Sudan Commune", *Ill Will*, abril de 2021. [Online aqui](#).

<sup>10</sup> Consulte Eric Hazan, *History of the Barricade (História da barricada)*.

com algum grau de confiança, isso se deve ao fato de terem uma experiência mais rica para se basear. O balanço de nosso próprio século é insuficiente nesse sentido. No entanto, embora o Cazaquistão não nos forneça um modelo a ser seguido, ele oferece uma oportunidade para testar certas hipóteses que estão em circulação.

Em primeiro lugar, costuma-se argumentar que a metrópole assumirá um papel menos central nas revoluções do século XXI<sup>11</sup>. "Hoje é possível tomar Paris, Roma ou Buenos Aires sem que isso seja uma vitória decisiva", afirma o Comitê Invisível. No passado, parecia que os insurgentes precisavam simplesmente tomar Paris, ou Petrogrado e Moscou, para que uma insurreição fosse bem-sucedida. Mas os revolucionários que o fizessem se deparariam com o contraste entre a cidade revolucionária e o campo contrarrevolucionário que, de uma forma ou de outra, levaria à sua ruína.

A relação entre a cidade e o campo foi, sem dúvida, redesenhada no último século. Ainda assim, é digno de nota o fato de a metrópole ter mantido uma certa posição privilegiada nas lutas contemporâneas. Embora as revoltas geralmente comecem na periferia de um país, a maior cidade ou capital tende a se tornar o centro de gravidade, definindo o tom e o ritmo para o resto do país. Geralmente é lá que os experimentos mais avançados e os eventos com os maiores riscos tendem a acontecer<sup>12</sup>. O presidente do Cazaquistão reconheceu isso quando disse: "Se perdêssemos Almaty, teríamos perdido a capital e, depois, todo o país".

---

<sup>11</sup> Por exemplo, consulte *The Coming Insurrection*, do Invisible Committee. [Online aqui](#).

<sup>12</sup> Isso não quer dizer que não tenham ocorrido experimentos significativos em movimentos baseados fora da cidade, como o ZAD e o No-TAV. O que se quer dizer é que as revoltas nacionais tendem a se consolidar nas grandes cidades.



Em segundo lugar, em seu balanço sobre os levantes de 2008-2012, o Comitê Invisível argumentou que o movimento das praças havia se deixado encantar por representações espetaculares do poder, fato que acabou funcionando para desarmá-los. Se muitas das batalhas campais das revoltas daquela época foram travadas em um esforço para obter acesso a prédios governamentais que pareciam importantes, isso se deve ao fato de que "os locais de poder institucional exercem uma atração magnética sobre os revolucionários". Mas quando os aspirantes a revolucionários conseguiam invadir os corredores do poder, eles os encontravam vazios. Se não há mais Palácios de Inverno ou Bastilhas para invadir, concluiu o Comitê em 2013, isso se deve ao fato de que "o poder agora reside nas infraestruturas deste mundo".<sup>13</sup> "

Se interpretarmos os eventos de 5 de janeiro em Almaty a partir dessa perspectiva, várias leituras contrastantes se tornam possíveis. Pode-se argumentar, por exemplo, que o fato de se reunir espontaneamente na prefeitura dia após dia, tentar invadir os vários salões do poder e, por fim, incendiá-los, é simplesmente uma intensificação de padrões antigos sem romper com eles. Mas também se poderia argumentar que, ao simplesmente incendiar os prédios do governo e seguir em frente, os insurgentes estavam mostrando que não estavam encantados com eles nem chocados por encontrá-los vazios. Eles eram simplesmente mais uma faceta deste mundo que terá de ser desfeita.

---

<sup>13</sup> Consulte The Invisible Committee, *To Our Friends*. [Online aqui](#). Para uma discussão semelhante, consulte CrimethInc, "Belarus: 'When We Rise.'" [Online aqui](#).

Algumas lições talvez precisem ser aprendidas novamente a cada onda de luta, com a diferença de que isso talvez aconteça um pouco mais rapidamente a cada vez. Nesse caso, pode ter sido necessário que os próprios insurgentes experimentassem invadir os corredores do poder e encontrá-los vazios, para que voltassem suas atenções para horizontes estratégicos diferentes. Faz sentido, então, que a virada para a tomada de infraestruturas essenciais, como o aeroporto, seguisse o incêndio criminoso da prefeitura em rápida sucessão.

### **Os limites da novidade**

Na insurreição, como em qualquer arte moderna, existe a tentação de enfatizar demais a novidade. É fácil perder de vista o que permanece consistente. Após a revolução de 1848, Georges-Eugène Haussmann recebeu a tarefa de redesenhar as ruas de Paris. Tendo testemunhado seu uso durante sucessivas revoltas, ele procurou substituir os bairros urbanos densos e defensáveis, propícios a barricadas e brigas de rua, por bulevares abertos. Na opinião de Marx e Engels, seu trabalho foi amplamente bem-sucedido. A era da insurreição havia terminado, concluíram, e a política revolucionária precisaria ser repensada. Blanqui, a cabeça e o coração do partido proletário na França, pensava diferente. Em vez disso, ele argumentou que o redesenvolvimento oferecia oportunidades tanto para o partido da insurreição quanto para o partido da ordem. Talvez sejam necessárias novas táticas, mas não uma reformulação fundamental. Esse debate é frequentemente tratado como resolvido em favor de Marx, mas o curso real da história pode ter correspondido mais de perto às previsões de Blanqui. A experiência mais rica do século insurrecional de Paris só viria mais tarde, com a Comuna de Paris, décadas após a Haussmannização.

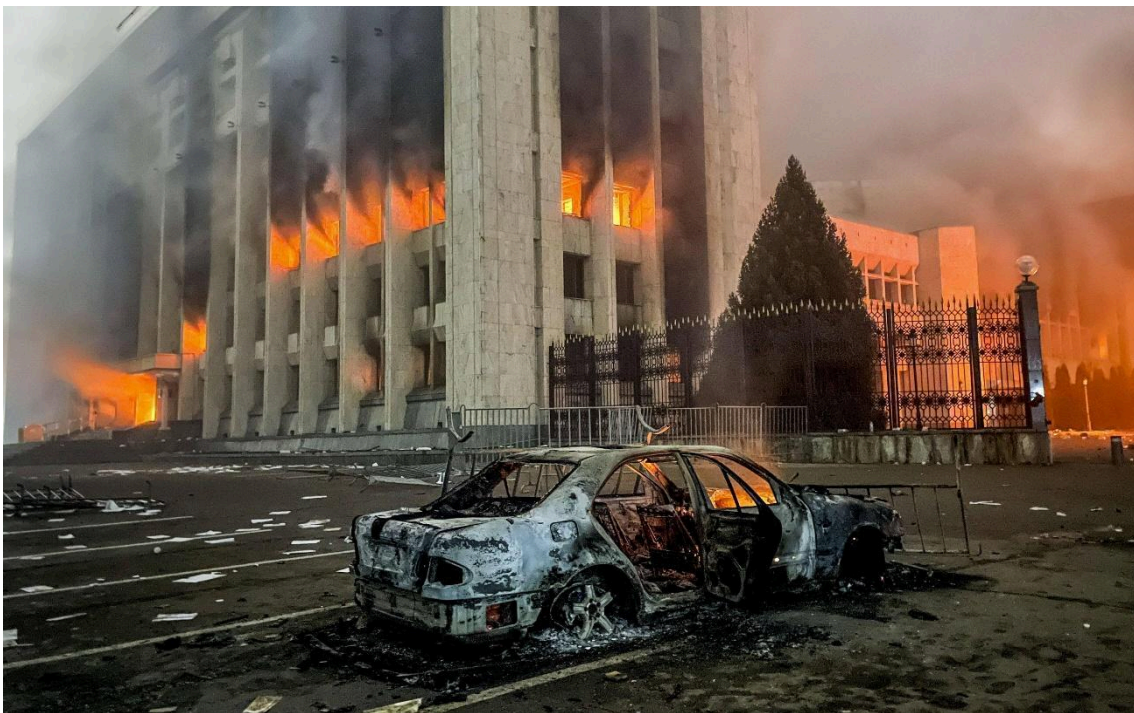


Sob esse prisma, um breve retorno às reflexões sobre insurreição oferecidas pelas tradições da teoria revolucionária do início do século XX pode ser instrutivo. Em meados da década de 1920, a Internacional Comunista distribuiu um manual intitulado *Insurreição Armada*, que combinava estudos cuidadosos de casos de insurreições bem-sucedidas e fracassadas com instruções práticas de preparação para as próximas. Nele, eles enfatizam a importância das *vitórias parciais*. Uma insurreição provavelmente não será vencida em um momento decisivo. Em vez disso, cada passo do caminho deve remover obstáculos e criar um impulso para o partido da insurreição, ao mesmo tempo em que drena o moral do partido da ordem.

Isso significa que é preciso ter cuidado com a ordem em que as coisas são feitas. A primeira prioridade de qualquer insurreição, argumentam os autores anônimos, é apreender e distribuir armas e, ao mesmo tempo, neutralizar as forças armadas. A segunda prioridade é tomar e ocupar ou destruir os prédios do governo e a infraestrutura técnica. Os detalhes mais minuciosos variam muito, dependendo do local. Por esse motivo, os autores enfatizam que os insurretos devem se preocupar em desenvolver um plano, ou pelo menos uma lista de alvos e suas prioridades, com antecedência.

O peso que esses autores dão à captura dos locais de poder institucional pode parecer uma relíquia de uma época passada. Embora possa parecer contraintuitivo, eles

ênfatizam que esses locais geralmente têm um papel tático, e não apenas simbólico, no desenrolar de uma insurreição. A importância de invadir o Palácio de Inverno durante a Revolução Russa não se deve ao fato de que o poder estava centralizado naquela época de uma forma que não está agora. Além de seu significado simbólico, esse evento permitiu que o Partido prendesse os possíveis líderes da contrarrevolução e, ao mesmo tempo, desmoralizasse as poucas facções das forças armadas que ainda estavam dispostas a lutar contra a insurreição.



Muita coisa mudou no último século. A Internacional Comunista deu muita importância ao papel das formações de quadros disciplinados, que (até onde sabemos) não surgiram em nenhum lugar nessa sequência de lutas. Mas, por enquanto, a alegação de que as sedes do poder institucional têm menos importância em uma insurreição do que a infraestrutura técnica deve ser tratada como uma hipótese a ser testada e refinada, e não como uma verdade absoluta.

O argumento oposto também poderia ser feito sobre a novidade de nossos tempos. Em nossa sociedade do espetáculo, os locais simbólicos de poder podem, na verdade, ter mais importância do que teriam anteriormente, o que explica sua atração magnética. O espetáculo produzido pela invasão do Capitólio americano, apesar de toda a sua inépcia, é provavelmente mais significativo do que se o mesmo grupo de pessoas tivesse como

alvo um local com importância material real. Da mesma forma, o cerco à Terceira Delegacia de Minneapolis foi tão importante para a infraestrutura que destruiu quanto para o espetáculo que criou. Na revolução sudanesa, esse mesmo papel espetacular foi desempenhado pelo incêndio da sede do partido governista Partido do Congresso Nacional em Atbara, embora esse local tivesse muito pouca importância em termos de infraestrutura.

### **Quebrando o piso de vidro**

Em um registro diferente, *a Theorie Communiste* argumenta que o principal obstáculo enfrentado pela nossa sequência de lutas não é o salto do tumulto para a insurreição<sup>14</sup>. Para eles, o limite é o fato de as lutas não terem conseguido penetrar o piso de vidro na morada oculta da produção. As lutas tendem a emergir na esfera da circulação, mas terão de encontrar seu caminho de volta ao local de trabalho para se tornarem revolucionárias.

Até o momento, não houve inovações sérias que apontassem nessa direção. Isso talvez reflita a atual imaturidade de nosso ciclo de lutas, a enorme distância entre a nossa posição e o horizonte revolucionário. Mas também pode indicar que a TC simplesmente não está fazendo as perguntas certas. A teoria comunista geralmente trata a sociedade capitalista como um problema lógico para o qual a revolução ou o comunismo surge como a solução local. Mas a história raramente se desenrola de forma tão lógica.

Nas semanas que se seguiram ao esmagamento do levante, o Cazaquistão assistiu a uma onda de agitação trabalhista<sup>15</sup>. Assim como a própria revolta, ela começou na região produtora de petróleo do oeste do Cazaquistão e depois se espalhou para outros lugares. No início, os trabalhadores do setor de petróleo entraram em greve em solidariedade ao movimento de protesto, assim como os trabalhadores do setor de cobre no sudeste. Em seguida, os trabalhadores do setor de petróleo entraram em greve novamente exigindo salários mais altos, assim como os trabalhadores de telecomunicações, motoristas de ambulância e bombeiros logo depois. Até mesmo os mensageiros da economia gig começaram a ameaçar com uma ação industrial. O piso de vidro está começando a rachar? No momento, é muito cedo para dizer se essas poucas manifestações são o início de uma onda nacional de greves ou se elas simplesmente desaparecerão. Mas vale

---

<sup>14</sup> Veja Théo Cosme, "The Glass Floor". Tradução em inglês [on-line aqui](#).

<sup>15</sup> Consulte Joanna Lillis, "Kazakhstan: After civil unrest, industrial unrest spikes". [Online aqui](#).

a pena lembrar, como aponta Rosa Luxemburgo, que as greves espontâneas foram o que mantiveram as brasas acesas entre os picos e as calmarias da revolução de 1905<sup>16</sup>.

### **O eclipse e o ressurgimento da geopolítica**

A teoria comunista é uma tentativa de fornecer um relato da sociedade capitalista e de sua superação. Para descrever como essa superação revolucionária pode se desenvolver, ela presta atenção às lutas que ocorrem na sociedade capitalista e aos limites que elas encontram. Esses limites são frequentemente vistos como internos às próprias lutas.

Por exemplo, muitos participantes da revolta de George Floyd provavelmente diriam que o movimento foi derrotado pelo Estado, por meio de uma combinação de repressão e cooptação. Os relatos dos pró-revolucionários da época tendem a contar uma história diferente. Alguns tendem a se concentrar na composição do movimento e em como as separações ao longo das linhas de raça e classe ressurgiram dentro dele, o que impediu sua capacidade de estender e intensificar<sup>17</sup>. Outros relatos descrevem como surgiu um *aparato de movimento social* que capturou o *movimento real* da revolta e redirecionou sua energia<sup>18</sup>. Em ambos os casos, em vez de enfatizar como ele foi derrotado, essas análises tendem a se concentrar nos obstáculos que surgiram dentro do movimento e que ele não conseguiu superar.

Uma certa distância leva a uma certa obscuridade. Mas há pouco que indique que o levante no Cazaquistão se desfez sob o peso de seus próprios limites. Nem os jornalistas nem os camaradas no local fornecem muitas evidências de que surgiram separações dentro da luta ou que a revolta foi de alguma forma contida por um movimento social. É possível que as coisas tenham se movido rápido demais para que os limites internos surgissem claramente. Mas a revolta parece ter sido simplesmente derrotada pelas forças armadas do Estado, com o apoio de uma intervenção estrangeira.

Pode ser que o nosso desejo de ter uma descrição muito simples e teoricamente consistente dos limites internos da luta tenha nos feito perder os obstáculos mais imediatos no caminho da revolução. A teoria comunista de hoje terá de explicar esses obstáculos externos, o Estado e a geopolítica, bem como sua destruição.

### **Uma Nova Internacional**

---

<sup>16</sup> Veja Rosa Luxemburg, *the Mass Strike, the Political Party, and the Trade Unions* (Rosa Luxemburgo, *a greve de massa, o partido político e os sindicatos*). [Online aqui](#).

<sup>17</sup> Por exemplo, veja New York Post-Left, "Welcome to the Party". [Online aqui](#).

<sup>18</sup> Consulte Adrian Wohlleben, "Memes without End", *Ill Will*, maio de 2021. [Online aqui](#).



A insurreição em qualquer lugar é imediatamente uma preocupação global. Há dois motivos para isso. Primeiro, como as lutas viajam e se espalham por meio de ressonância, um sucesso em qualquer lugar pode inspirar tentativas semelhantes em toda parte. O que começa como uma revolta local pode rapidamente representar uma ameaça existencial para toda a ordem global da sociedade capitalista. Isso explica por que as explosões esporádicas de contestação revolucionária hoje são combatidas por uma organização internacional de repressão que opera com uma divisão global de tarefas. Em última instância, todo o peso do partido global da ordem será usado contra qualquer insurreição local.

Em segundo lugar, em um mundo cada vez mais multipolar, toda crise proporciona uma ocasião para renegociar os equilíbrios de poder regionais e globais. As revoltas são rapidamente absorvidas pelos conflitos entre diferentes potências globais. Além de confrontar a força repressiva do partido global da ordem, elas também se tornam um local onde diferentes facções desse partido acertam suas contas entre si. Assim, as insurreições são imediatamente confrontadas com o problema da geopolítica.

Se os esforços revolucionários de hoje são abandonados à repressão, é porque não é do interesse de nenhum poder existente apoiá-los. Até o momento, nenhuma organização prática do internacionalismo revolucionário existe para apoiá-los.



"Os revolucionários estão em toda parte, mas em nenhum lugar há uma verdadeira revolução", declarou certa vez a Internacional Situacionista em um momento não muito diferente do nosso<sup>19</sup>. Mas é por meio dessa produção de revolucionários, como Camatte a chamou, que podemos imaginar uma saída para esse inferno geopolítico<sup>20</sup>. Isso nos permite vislumbrar as coordenadas básicas de uma geopolítica proletária ou de uma nova internacional.

Cada tentativa de revolução, cada luta de massa, deixa em seu rastro uma nova geração de revolucionários. No Cairo, Cartum, Santiago e em outros lugares, as revoltas deixam atrás de si pessoas que não podem voltar atrás em relação ao que vivenciaram. Elas então tentam se encontrar e se preparar. Esses novos revolucionários tentam chegar a um acordo com o significado de sua experiência, bem como com seus limites e lições.

No momento, essa reflexão geralmente se restringe a questões puramente práticas. Quais táticas funcionaram e devem ser repetidas? Quais erros levaram à derrota? Aqui e ali, essas táticas e as reflexões sobre elas se espalham por outros lugares, proporcionando a cada onda de luta algum grau informal de coordenação. Mas, com o tempo, essa coordenação pode precisar se tornar mais intencional para superar os sérios obstáculos apresentados pelo partido global da ordem.

A nova corrente revolucionária, onde quer que apareça, terá de conectar esses diversos grupos e experiências. Terá de encontrar alguma base coerente para unificar seus projetos. Desse modo, terá de surgir uma força capaz de coordenar e apoiar os esforços revolucionários onde quer que eles apareçam.

### **Ondas e redemoinhos**

As ondas de luta geralmente são eventos globais, mas tendem a ser vivenciadas como eventos regionais. Em 2011 ou 2019, como em 1968, 1917 e 1848, as revoltas aconteceram quase simultaneamente em quase todo o mundo. Ao mesmo tempo, é provável que seus participantes as vivenciassem em termos de consistências regionais específicas. As revoluções da Primavera Árabe no Oriente Médio e no Norte da África tenderam a prestar muita atenção umas às outras, aproveitando as lições de cada experiência, mesmo quando inspiraram revoltas semelhantes em todo o mundo. No

---

<sup>19</sup> Ver Internacional Situacionista, "Address to the Revolutionaries of Algeria and of All Countries". [Online aqui](#).

<sup>20</sup> Consulte Jacques Camatte, "On the Revolution". [Online aqui](#). Para uma discussão mais aprofundada sobre "a produção de revolucionários", consulte *Endnotes*, "Onward Barbarians". [Online aqui](#).

Leste Asiático ou nos Bálcãs, uma constelação de lutas igualmente específica extraiu lições umas das outras em primeiro lugar. Isso é verdade mesmo que, às vezes, as táticas que emergem de uma constelação se tornem virais, servindo de inspiração também para lutas distantes. Essas ondas regionais poderiam ser chamadas de *redemoinhos*<sup>21</sup>.

O contexto mais imediato para a revolta no Cazaquistão é um *redemoinho* regional de lutas nas antigas repúblicas soviéticas da Ásia Central e do Leste Europeu. Isso inclui as recentes revoltas em Belarus, Quirguistão e Ucrânia. Essas são as experiências das quais os participantes do Cazaquistão, sem dúvida, estão mais conscientes. Essa consciência proporcionou ao movimento um repertório tático e um senso de possibilidades e limites. O Quirguistão, que passou por três revoltas nas últimas décadas, incluindo uma que incendiou o parlamento e outros prédios do governo, parece ser um ponto de referência específico.



---

<sup>21</sup> *A Endnotes* fornece um exemplo disso em sua discussão sobre a revolta de 2014 na Bósnia: "Os manifestantes na Bósnia se consideravam parte de uma onda maior de movimentos na região, usando formas e ideias desenvolvidas pela primeira vez em estados vizinhos, como a Sérvia e a Croácia. Esses sentimentos de solidariedade eram recíprocos: durante os protestos, houve manifestações de solidariedade ao movimento bósnio em quase todos os países da ex-Iugoslávia, incluindo Macedônia, Sérvia, Croácia e Montenegro. As revoltas na ex-Iugoslávia parecem estar se observando de perto e influenciando os modos de ação uns dos outros nos últimos anos. De fato, antes do próprio movimento bósnio, muitos observaram uma onda de protestos na região, comparando-a à onda global de lutas de 2011-13 e até mesmo levantando a perspectiva de uma Primavera dos Bálcãs. Na Croácia, Eslovênia, Bulgária e Sérvia, os comentaristas observaram o surgimento de novos modos de protesto com aspectos semelhantes - embora em menor escala - aos movimentos recentes das praças." Consulte "Gather Us From Among the Nations" (Reúna-nos dentre as nações). [Online aqui](#).

A ressonância entre as lutas nessa região não se deve apenas à proximidade compartilhada. Cada uma das ex-repúblicas soviéticas compartilha algum grau de integração econômica, bem como a participação em um pacto de segurança mútua. Isso significa que os eventos em um país têm um impacto bastante rápido nos outros. Mas o mais importante é que cada país compartilha um sistema político e econômico modelado de acordo com o da Rússia. Assim, o avanço bem-sucedido de uma luta em qualquer lugar da região destaca a vulnerabilidade de todos os governos autoritários da região e fornece um repertório tático que pode ser replicado em outros lugares. A agitação em qualquer lugar da região significa a possibilidade de agitação em todos os lugares e, portanto, levanta a questão da intervenção russa para restaurar a ordem regional.

### **Guerra e insurreição**

A crise na Ucrânia é melhor compreendida como resultado da turbulência provocada por esse redemoinho de luta. Durante os protestos do Euromaidan em 2014, o presidente pró-russo e grande parte de seu governo fugiram do país. Um novo governo foi empossado no poder, que começou a cortejar um relacionamento mais próximo com a União Europeia. Ao mesmo tempo, os militares russos intervieram, anexando a Crimeia e fornecendo apoio aos movimentos separatistas no leste da Ucrânia. Isso deu início à cadeia de eventos que levou ao atual confronto geopolítico na fronteira com a Ucrânia<sup>22</sup>. É provável que esse processo tenha sido acelerado primeiro pela revolta em Belarus e depois pela revolta no Cazaquistão. Nas palavras do Financial Times, "Ao observar o que está acontecendo com Nazarbayev, um homem em quem ele se inspirou, Putin pode estar ainda mais ansioso por um sucesso diplomático ou, na falta dele, militar, que ele possa vender para seu próprio público. Ou, como *a CrimethInc* colocou de forma eloquente:

Governos poderosos não ficarão parados e deixarão que as pessoas comuns desenvolvam o gosto por derrubá-los. Eles serão pressionados a intervir, como a Rússia fez na Ucrânia, na esperança de que a guerra possa superar a insurreição. A guerra é uma forma de fechar as possibilidades - de mudar de assunto. No entanto, é um negócio arriscado - pode ajudar os governos a consolidar seu poder, mas a história mostra que também pode desestabilizá-los.

---

<sup>22</sup> Para uma discussão mais longa sobre isso, consulte CrimethInc, "War and Anarchists: Anti-Authoritarian Perspectives in Ukraine". [Online aqui](#).

Por mais que esses eventos sejam a conclusão lógica do papel da Rússia na supressão de distúrbios em sua esfera de influência, as manobras de Putin também parecem ter a intenção de desviar a possibilidade de distúrbios internos. Com a agitação rondando o núcleo, a guerra apresenta a possibilidade de empurrá-la de volta para a esfera da política internacional. O confronto com a OTAN permite que Putin se posicione como um azarão que enfrenta o imperialismo ocidental, o que pode, pelo menos brevemente, despertar o sentimento nacionalista no país. Isso funciona no nível do sentimento popular, mas também pode funcionar para manter sua coalizão oligárquica comprimida por meio de pressão externa. As sanções resultantes também dão cobertura à situação econômica defasada da Rússia.

### **Primeiro tomamos Moscou, depois tomamos Berlim**

Os impasses de nosso momento, em certo sentido, ecoam os de uma época anterior. Também nesse caso, não faltam paralelos históricos. A ameaça de intervenção estrangeira pairava sobre as revoluções de 1848 como a Espada de Dâmocles. A Rússia, o maior e mais conservador país da Europa, foi o menos afetado pela onda de agitação em curso naquele ano e o mais comprometido com a preservação da ordem vigente. Os revolucionários temiam que, se algum levante fosse longe o suficiente para perturbar o estado atual das coisas, o império czarista simplesmente invadiria para restaurar a ordem. Essa ameaça acabou se concretizando na Hungria e na Romênia. A Rússia, de certa forma, funcionou como o exército industrial de reserva da contrarrevolução.

Marx passaria a maior parte do resto de sua vida tentando descobrir as condições de possibilidade de uma revolução na própria Rússia. Ele acreditava que a Revolução Russa poderia ser um precursor necessário para que a revolução voltasse ao continente europeu. Ele acabou tendo razão. Foi somente quando o próprio império russo foi dilacerado por distúrbios, em 1905 e depois em 1917, que outra onda revolucionária tomou conta da Europa e, em breve, de grande parte do mundo.

Será que a Rússia pode desempenhar um papel semelhante hoje? Cada revolta na Ásia Central ou na Europa Oriental ocorre sob a ameaça de intervenção russa. Mais longe de sua esfera de influência imediata, a Rússia forneceu cobertura financeira, militar e diplomática para as contrarrevoluções na Síria, no Sudão e em outros lugares. A Rússia mais uma vez aparece como a seguradora de último recurso do partido da ordem global.

"Putin não é o gendarme da Europa", disse recentemente um anarquista finlandês, "mas o gendarme do mundo inteiro".<sup>23</sup> "

Janeiro de 2022 foi a terceira vez na última década que as tropas russas intervieram em um levante na região. Mas cada uma delas é apenas uma vitória pírrica para a Rússia. Cada intervenção fez com que o ânimo da população local se voltasse contra a Rússia, como foi o caso da Ucrânia. Mais importante ainda, cada vez que um estado que é uma imagem espelhada da Rússia de Putin se mostra tão vulnerável à agitação popular a ponto de exigir intervenção estrangeira, essa sequência se aproxima um pouco mais de sua conclusão: uma revolta em massa dentro da própria Rússia.

A Rússia pode não ser mais o "elo fraco da cadeia imperialista". Mas se a Rússia for puxada para o redemoinho da luta na região, ela poderá ser temporariamente menos capaz de intervir em outros lugares. O fato de a Rússia ter que jogar com uma desvantagem no jogo geopolítico não é o fim do jogo em si. O partido global da ordem é, em última instância, composto por qualquer número de potências regionais e globais. Mas isso pode nos permitir começar a pensar em uma sequência na qual o desdobramento da ordem geopolítica pode ser possível, o que pode ser uma condição necessária, mas não suficiente, para a revolução social atual.

Sem a ameaça imediata de invasão, os próximos levantes na região da antiga União Soviética podem nos dar uma visão melhor do que significaria uma insurreição se tornar irreversível. A próxima revolução em um lugar como a Síria ou o Sudão pode ter espaço suficiente para respirar dos obstáculos externos e começar a enfrentar seus próprios limites internos. Isso aumenta significativamente a possibilidade de um avanço revolucionário. Também pode significar o surgimento de algo como a comuna. Uma inovação em qualquer lugar terá consequências imediatas em todos os lugares, especialmente no contexto de uma nova onda global de luta, à medida que diferentes lutas se apressam para adaptar o que ressoa em sua própria situação. Muito rapidamente, nessa sequência, pode-se chegar a um ponto em que não será possível voltar atrás nessa guerra civil global.

---

<sup>23</sup> Consulte CrimethInc, "Ukraine: Between Two Fires". [Online aqui](#).